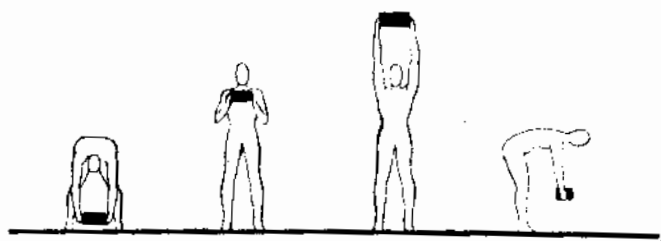


A Educação Física e os Intelectuais

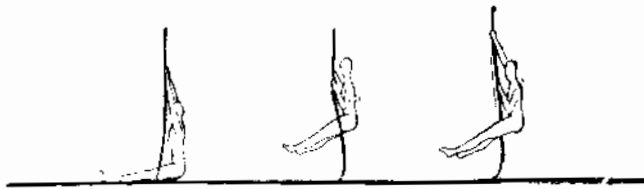


Fácil seria encontrar, através da tradição francesa, a prova da união frequente entre a preocupação da alma e o cuidado do corpo. A educação moral desacompanhada da educação física está de antemão condenada a falhar.

Lembremo-nos do ardor de **Rabelais**, ao entregar-se em conceber o ideal do homem, segundo a Renascença o imaginava, pelo programa de educação física que ele impõe ao mui nobre e ilustre **Gargantua**, que não é só o filho de **Pantagruel**, mas talvez o símbolo dos tempos novos: "Nadava como peixe, direito, ao avêssio, de lado, com o corpo todo, só com os pés, uma das mãos no ar, com a qual, segurando um livro, atravessava todo o Sena sem o molhar, e puxando a capa com os dentes, como fazia **Julio Cesar**. Em seguida, com a outra mão trepava num barco, e dele se atirava imediatamente nagua, de cabeça, sondava o fundo, penetrava os rochedos, ia até os abismos e voragens. Depois virava o barco, governava-o, conduzia-o óra depressa, óra de vagar, contra a corrente, prendia-o, guiando-o com uma das mãos, e com a outra fazendo de remo, abria a vela, subia aos mastros, corria sobre as vêrgas, ajustava a bussola, escorava a bolina, aparelhava o lême, Saindo dagua, subia montanhas a pique e descia-as desembarazadamente; arranhava as arvores como gato, saltava de umas para outras como saguí, quebrava os grossos galhos como um novo **Milon**, Subia ao alto de uma casa, e de lá de cima vinha abaixo com tal jeito de membros que a queda não lhe fazia mal algum. Puzessem-lhe uma vara apoiada a duas arvores e nela ele se dependurava pelas mãos, indo e vindo, sem servir-se dos pés para cousa alguma. E para exercitar os pulmões e o thorax berrava como todos os diabos...!!"

Apesar das citações deste genero, que seria facil multiplicar, nunca talvez a alta dignidade do esporte foi mais





PELO EMINENTE PROFESSOR

Paul Hazard

bem compreendida que pela atual geração. Existe já na França uma literatura de esporte, cujo representante mais nobre é sem dúvida **Henri Montherlant**. "**Les onze devant la porte dorée**" é o título de uma belíssima obra sua, onde analisa o espírito de disciplina, de sacrifício, de energia, necessário a um time de futebol. "**Le Paradis à l'ombre des épées**" não é inferior em idéas, nem menos colorido em sentimentos. E' aí que se encontra o impressionante exemplo de uma família burguesa que vai definhando: o pai vive ocupado em negócios, mãe e filha são absorvidas pelas futilidades da vida mundana: só o rapaz que pratica o esporte compreende o valor da abnegação, do esforço, do progresso do corpo e da alma. O esporte refaz-lhe a moralidade. Numa família de fantoches, êle virá a ser um homem.

Assinalemos também o caso de **Jean Prenost**. Este intelectual, antigo aluno da Escola Normal Superior, escritor de grande talento, pratica não só a esgrima e o "rugby", mas também o box. Acaba de escrever uma obra notável pelas qualidades literárias, intitulada "**Le plaisir des Sports**". Nêla estudam-se ao mesmo tempo a psicologia do atleta por ocasião dos exercícios e as sensações de bem estar, alegria e liberdade que a prática do esporte trás ao organismo humano. Esse livro passa por ser um dos melhores que ultimamente se tem escrito. Assim, inteligências de escôl reconhecem e proclamam a utilidade da educação física. Condenam, necessariamente, os excessos; são severos com as exhibições ridículas, em que o snobismo e o interesse expulsam os nobres sentimentos. Mas admiram a beleza do esporte, e acima de sua beleza, descobrem filosofia.

Ha no esporte uma moralidade que se aproxima da mais elevada --- a moralidade estoica "**Ludus pro-pratia pro-humanitate ludus**".

